

Os Braços da Lancha

José Peixoto

João Castro nasceu na Casa dos Pescadores da Póvoa de Varzim, em 1954, e o mar chamou-o aos 11 anos de idade. “O meu pai tinha uma motora, e como havia falta de tripulantes saiu-me em sorte ser pescador, embora não eu gostasse. Aos 24 anos fui o mestre mais jovem da embarcação. Também andei dois anos ao bacalhau, nos finais dos anos 70. Era já o tempo das bateiras, da pesca à rede e do arrasto. Com o iodo metido no corpo, o mar enraizou-me e andei por lá uma vida. Fui pescador, arrais de pesca local, contramestre, mestre costeiro e mestre do largo, que é o máximo da mestrança. Fruto da experiência que angariei no mar, acabei a pilotar navios comerciais e de turistas”.

A primeira vez na lancha poveira aconteceu por convite do mestre Agonia Areias, em 2004, numa viagem à Galiza: “Saímos com o vento de noroeste, que foi rodando para sudoeste. Sempre à vela com um mar ameaçador, mas a “Fé em Deus” respondia a todas as solicitações e manteve-se firme. Foi uma viagem um bocado atormentada com a lancha a erguer e a espalmar na

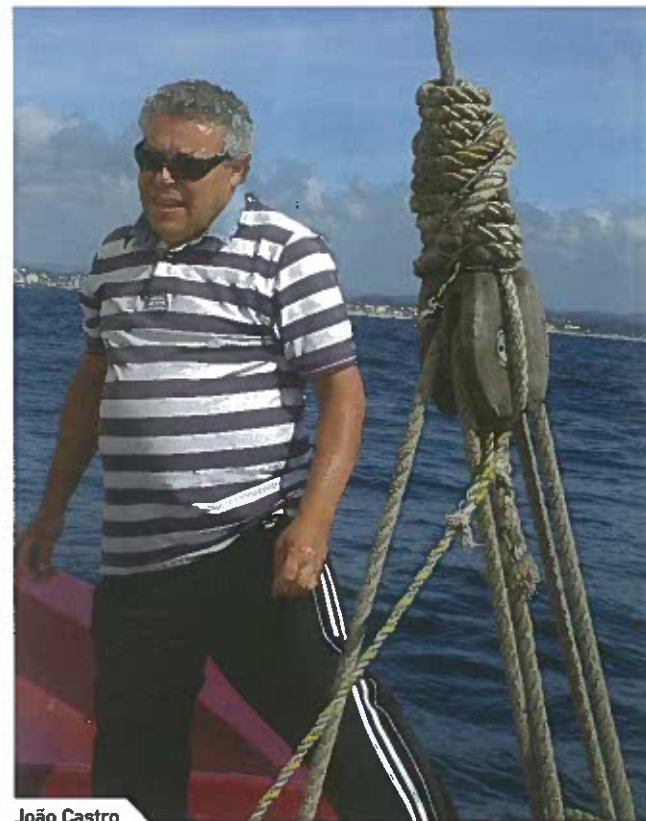
onda seguinte. Aconteceram alguns enjooos”. E acrescenta: “fomos calorosamente recebidos pela organização do encontro de embarcações tradicionais. Com o tempo que estava, pensaram que acabaríamos por arribar a Fé em Deus” em qualquer porto”.

Ser tripulante da lancha poveira é para João Castro o reviver a história da família: “os meus avós, António Rodrigues Mateus e o Domingos Gonçalves de Castro, eram lanchões. Quero conhecer a vivência deles no mar e a lancha poveira tem tudo desse passado. Só não lançamos redes, mas fazemos todas as manobras que as mãos dos meus avós fizeram. Vivemos todos os perigos, angústias e alegrias que os homens do mar viviam naquele tempo. A lancha não tem convés, é um barco de boca aberta e daí resulta um perigo acrescido. A chuva, o vento e o frio enregelam os ossos”. E não há dúvidas que a camaradagem entre os tripulantes sente-se mais nas longas viagens: “quando o tempo sobra é preciso ocupá-lo. Um ou outro trabalho para fazer, uma estória para gargalhar ou uma conversa

que nos fortalece a amizade. Mas há também silêncios que nos trazem a família à cabeça”. O mar deixa a terra com o coração nas mãos.

O caminho marítimo para Santiago foi para João Castro uma viagem que guardará na memória. “Nos dias que antecederam a partida, havia intenso nevoeiro no mar. Por isso, deduzi que a viagem ia ser difícil porque a lancha não está equipada com radar ou um GPS Plotter, próprio para navegar com nevoeiro. O nevoeiro obriga a fazer uma navegação costeira, mas nem sempre é possível porque há o perigo das rochas. Tivemos situações em que a visibilidade era nula a 25 ou a 50 metros. Vivi intensamente a semana antes da viagem porque o meu compromisso com Santiago era infalível. O sonho de Manuel Lopes não podia ser mais adiado”. E acrescenta: “a grande verdade é que foi uma peregrinação e não uma viagem turística. Uma peregrinação é fazer tudo para chegar ao local e cumprir com a promessa”, concluiu.

No regresso de Santiago, João Castro não esquece a entrada na barra da Póvoa: “foi



João Castro

uma sensação extraordinária com gente no cais a assistir a uma entrada algo rara e sensacional. Entramos a toda a velocidade com a adrenalina à flor da pele, a lancha a bordejar, com a água quase a entrar na embarcação. Quando atraca-

mos a sensação era de dever cumprido. Foi o culminar da minha carreira no mar. Estarei sempre disponível para a lancha. Se tivesse que o fazer, voltava a correr os mesmos riscos para ir a Santiago e regressar”.